

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A INDEPENDÊNCIA DA BAHIA E A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE BRAZ DO AMARAL

Lina Ravena Souza Santos¹, Rinaldo Cesar do Nascimento Leite²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: linah.ravena@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rinaldocesarleite@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia, Bahia.

INTRODUÇÃO

A produção historiográfica, assim como qualquer outra fonte, encontra-se carregada de anseios, ideologias e inquietações de quem as produz. Cada obra busca responder ou reafirmar questões de um ideário coletivo ou individual de um determinado momento histórico. Apesar de o título sugerir mais um estudo sobre Independência da Bahia, o objetivo desse trabalho é analisar, através da obra do historiador Braz do Amaral, como esse tema aparece, como sua abordagem revela sua formação e como se reflete o momento histórico vivenciado pela sociedade baiana quando da produção.

Braz Hermenegildo do Amaral (1861-1949) é fruto de uma Bahia ciosa em resgatar a sua opulência dos tempos coloniais e da maior parte do Império, que teria sido perdida na Primeira República, quando ocorre uma mudança tanto do eixo econômico quanto político para o Centro-Sul do país.

Para analisar o meu objeto de estudo, o qual consiste na produção historiográfica do historiador baiano Braz Hermenegildo do Amaral, procuro trabalhar com o produto final da pesquisa histórica (MALERBA, 2006) a partir de um esforço de compreensão do momento de sua elaboração (DIEHL, 2002), ou seja, é preciso enxergar como as singularidades do contexto social, político, econômico, cultural, etc. vivenciado pela sociedade baiana, na época de escrita do referido historiador, influenciou em sua obra.

Assim como outros historiadores de sua época, Braz do Amaral não possui formação específica na área – ele era médico. No entanto, conforme afirma Consuelo Pondé de Sena, ele “possuía alma de historiador” e “como os demais autores de seu tempo foi autodidata”.¹ Foi professor na Faculdade de Medicina da Bahia, e lecionou, até ano de 1909, a disciplina História no Instituto Oficial do Ensino Secundário, que veio a ser chamado posteriormente de Colégio Estadual da Bahia. O Magistério era uma das formas desses intelectuais do início do século XX se manter, haja vista não ser possível se prover apenas das letras.

Amaral foi um dos “membros fundadores do IGBH (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia), em 1894, do qual foi orador oficial, e da ABL (Academia de Letras da Bahia) – espaços esses privilegiados para debates que enriqueciam os escritos sobre a Bahia e também

¹ Ver AMARAL, Braz Hermenegildo do. **Recordações Históricas**; Prefácio de Consuelo Pondé de Sena. – Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2007. p.5.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

locais de publicação. Através das revistas dessas instituições, é possível observar como essa comunidade intelectual baiana era auto-centrada (SILVA, 2000), isto é, como seus estudos são focados em biografias de seus próprios membros ou de intelectuais passados. Vemos em Braz uma forte influência da escola positiva francesa, mesmo não explicitada em referências, como seria comum ver hoje, mas perceptível através da sua exaltação a documentação (o documento é a verdade), como no exemplo a seguir:

O governo interino da Cachoeira, lutando com a falta de dinheiro, e com o descrédito que o comércio da Bahia promovia contra o Banco do Brasil, decretou o curso forçado do papel do Banco, mandou amoedar todo o metal que se pudesse obter e arrecadar para o tesouro, a título de empréstimo, por toda a província, os bens de órfãos, ausentes, capelas e resíduos, assim como dízimo do gado para sustentar o exercício e a defesa da causa da pátria.

As provas do que acima fica exposto se encontrarão nos documentos da nota 6. (AMARAL, 1923: p. 374)

Eis aqui a um trecho da nota 6,

O conselho Interino de Governo desta Provincia me ordena por Portaria de 15 de Novembro do anno passado que eu faça immediatamente amoedar todos os dinheiros públicos desta Comarca provenientes de impostos e quaesquer outros ramos de renda Nacional e Imperial e que logo remetta para a Comissão do Thesouro Publico estabelecida interinamente na Villa da Caxoeira, acompanhando das competentes guias todas as Sommas que se acharem arrecadada e as que forem arrecadando; (...) (AMARAL, 1923: p.395-396)

Outras características são a narrativa minuciosa e a ênfase nos personagens individuais, dentre outras. Essas características perduraram dentro da intelectualidade baiana da época, e conseqüentemente em Amaral o qual também produziu um conhecimento histórico baseado na “pesquisa sistemática dos documentos (LEITE, 2005).

No que diz respeito às obras sobre a Independência da Bahia, nelas estão explicitamente o desejo do autor em enaltecer a Bahia como promotora e peça decisiva da “obra da independência nacional”, e não como parte de uma grande engrenagem nesse acontecimento que envolveu todo o território nacional, cada uma em suas particularidades. Essa posição difere daquela tomada pelo professor Luis Henrique Dias Tavares, o qual explorarei melhor no decorrer da pesquisa. Este preferia afirmar serem as histórias regionais a História do Brasil (REVISTA DE HISTORIA DA BIBLIOTECA NACIONAL, EDIÇÃO Nº 6, DEZEMBRO DE 2005). Tavares já vem influenciado por uma sociedade baiana diferente, sendo fruto de um novo tipo de formação, realizada na UFBA (Universidade Federal da Bahia), criada em 1946.

A formação acadêmica, a sociedade em que estava inserido, o seu envolvimento constante nos assuntos que tocavam a Bahia, principalmente nas disputas territoriais com os nossos estados circunvizinhos (Sergipe, Espírito Santo), seu posicionamento político, que

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

assim como a grande maioria da elite política baiana, desejava uma maior autonomia do Estado (ponto esse que também deve ser mais bem explorado), reflete-se no posicionamento de Braz do Amaral acerca da Independência da Bahia e do seu papel no cenário Nacional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Braz H. do.1923. A Ação da Bahia na obra da Independência Nacional. Bahia, Imprensa Oficial do Estado.

_____.1926. A Conspiração Republicana da Bahia de 1798. Rev. Inst. Geo. E Hist. Da Bahia. Salvador, v.52, p. 113-179..

_____.1928. Esclarecimento sobre o modo como se preparou a Independência. Rev. Inst. Geo. E Hist. Da Bahia. Salvador, v.54, p. 85-144..

_____.1904. Memória Histórica sobre a Proclamação da República na Bahia. Rev. Inst. Geo. E Hist. Da Bahia. Salvador, v.30, p. 3-52.

_____. 1907. 1808-1823. Rev. Inst. Geo. E Hist. Da Bahia. Salvador, v.34, p. 9-15.

_____.2007 Recordações Históricas; Prefácio de Consuelo Pondé de Sena. – Salvador: Assembléia Legislativa do Estado a Bahia; Academia de Letras da Bahia.

BARROS, José D'Assunção. O campo da história: especialidades e abordagens. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, s/d.

DIEHL, Astor Antônio. 2002. Cultura historiográfica: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC.

EPPLE, Angelika.; MALERBA, Jurandir,.2006. A história escrita: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto.

PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Mensal On-line. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=855&pagina=2>>. Acesso em 5 de agosto. de 2010.

SILVA, Paulo Santos. 2000. Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador, EDUFBA.